

- **TRADUÇÃO**

A NOÇÃO DE ERRO EM TRADUÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO E A FORMAÇÃO DE TRADUTORES

Paula Ávila Nunes*

Resumo: O erro em tradução é uma questão praticamente incontornável para o professor que forma tradutores. Sendo o erro um aspecto importante de qualquer processo de ensino-aprendizagem, discuto, neste texto, a dimensão do erro em tradução, quando realizado por alunos em fase de aprendizado da prática tradutória, ou seja, alunos do curso de bacharelado em Letras. Procuro salientar como uma reconfiguração da noção de erro de tradução está diretamente ligada à avaliação das traduções realizadas pelos alunos. O argumento principal sustentado neste texto é o de que o erro em tradução precisa ser considerado em relação àquele que erra, pois somente assim o professor poderá fazer uso produtivo daquilo que falha na tradução.

Palavras-chave: Erro. Tradução. Ensino.

INTRODUÇÃO

■ **O** objeto de estudo destas páginas parte da conjunção de uma observação simples e de uma constatação inquietante. A observação diz respeito ao fato de o erro ser parte inerente a qualquer processo de ensino-aprendizagem. Logo, partindo do pressuposto de que se pode ensinar tradução, o que é atestado pelo número crescente de cursos de bacharelado em Letras, deduz-se daí que erros fazem parte desse processo. No entanto, e aí está a constatação inquietante, pouco se tem desenvolvido em termos de estudos que tomem o erro de tradução como objeto, e essa quantidade cai drasticamente quando a reflexão é em torno do erro de tradução e suas implicações para o ensino. Há, aí, portanto, um descompasso grande entre teoria e prática, que precisa ser ajustado.

* Doutora em Estudos da Linguagem, com ênfase em Teorias do Texto e do Discurso, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora adjunta na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) – Curitiba – PR – Brasil. E-mail: paulaavilan@gmail.com

O viés que me interessa destacar neste texto é que, se o erro é o estigma do fazer tradutório, ele também comporta algo a mais, não necessariamente de caráter negativo, ao menos quando o contexto em que se insere é o da sala de aula de formação de tradutores. É esse “algo a mais” que inspira este trabalho, na medida em que compartilho da afirmação de Séguinot (1989, p. 74), para quem os erros são “portadores de sentido”, pois “obviamente nos dizem algo sobre a qualidade da tradução, *mas também são janelas para o próprio processo tradutório*”¹ (SÉGUINOT, 1990, p. 68, grifo nosso). Tendo isso em mente, meu interesse recai muito especificamente na tentativa de evidenciar que o “algo a mais” que o erro de tradução comporta está diretamente ligado ao sujeito que traduz e à sua relação com o texto, com a língua e com o dizer do outro, com a sua própria língua e seu próprio dizer. Dessa forma, o erro é tomado neste trabalho não com vistas a avaliar a qualidade da tradução, como a maioria dos trabalhos sobre o assunto o fazem, mas com o intuito de promover um debate que vincule o erro ao aluno que erra e que, ao errar, diz algo a respeito de seu conhecimento de tradução. Trata-se, portanto, do tratamento do erro circunscrito apenas ao contexto de ensino de tradução.

Nessa conjuntura específica, a proposta que subjaz a este texto e que o sustenta é a de que o erro, no processo de ensino-aprendizagem de tradução, quando abordado pela perspectiva linguístico-enunciativa, orientação teórica assumida neste trabalho (cf. BENVENISTE, 1989, 1995), proporciona um redimensionamento do próprio estatuto de erro. Isso faz com que não somente o conceito se torne flexível, como também o torna a base de um ensino significativo e produtivo, uma vez que o mesmo erro que condena a tradução também revela uma particularidade do sujeito tradutor na sua relação com a(s) língua(s) e o(s) dizer(es) que precisa ser levada em consideração pelo professor de tradução. Ou seja, busco defender a hipótese de que não é possível falar em erro de tradução, e muito menos em correção do erro, sem relacioná-lo àquele que erra. Não se trata mais, portanto, de se pensar em “erro de tradução” sem complemento, mas em um erro específico para um tradutor específico, o que deve refletir diretamente no ensino e, consequentemente, na formação do profissional tradutor.

Para tanto, este escrito realiza dois movimentos: de reflexão sobre o que vem a ser erro de tradução e de retomada de alguns estudos que dele tratam. Tal percurso deve, primeiramente, propor questões que problematizem a própria definição de erro, lançando questionamentos àqueles que lidam com tradução. Adicionalmente, deve também evidenciar que os poucos trabalhos que podem ser encontrados com a temática do erro vinculado ao ensino parecem deixar de lado um ponto que se faz central para essa proposta – a subjetividade na linguagem –, motivo pelo qual se justifica uma abordagem enunciativa do erro em tradução, a ser proposta na última parte deste texto.

DEFININDO O ERRO

O livro de Benedetti e Sobral (2003), intitulado *Conversas com tradutores*, reúne, como o próprio título sugere, entrevistas com tradutores profissionais atuantes em diferentes áreas. Entre as dez perguntas que todos os 19 entrevistados se

1 Todas as traduções exibidas neste trabalho, salvo quando já traduzidas e publicadas em português, são de minha autoria e responsabilidade.

propõem a responder, uma é quase unanimemente destacada pelos próprios respondentes por sua complexidade: *o que é erro e o que é acerto em tradução?*

Reproduzo a seguir apenas seis dessas respostas, que julgo serem as mais produtivas para o encaminhamento que proponho para este trabalho.

Quadro 1 – Compilação de opiniões sobre erros de/em tradução

1. “Deve ser entendido como ‘erro’ tudo o que seja descabido de maneira gritante e óbvia. Eu diria que, neste caso, nem considerariamos ‘tradução’, pois nada foi ‘traduzido’, apenas ‘deturpado’” (p. 39-40). (*Regina Alfano*)

2. “[...] existem basicamente dois tipos de erro [...]. Existe determinado tipo de erro que não pode ser relativizado: é erro, mesmo. Quando o tradutor lê no original ‘*government officials*’ e traduz a expressão por ‘oficiais do governo’, ele cometeu um erro desse tipo, que pode ser causado por ignorância, lapso de atenção, cansaço ou vários outros fatores possíveis. Mas em tradução literária, em particular, muitas vezes quando se fala em erro está se falando numa opção por uma forma em detrimento de outra, quando não há um critério objetivo que realmente garanta que uma é certa e outra é errada. [...] O tradutor ingênuo muitas vezes reifica a sua opção como a única correta, classificando qualquer leitura alternativa de erro” (p. 96-97). (*Paulo Henriques Britto*)

3. “Acredito que o principal erro é aquele cometido contra a língua para a qual se está traduzindo: erros gramaticais, erros de sintaxe, erros de vocabulário. [...] O segundo tipo de erro é cometido contra o sentido do texto. Muitas vezes, o tradutor erra porque diz uma coisa diferente do que diz o original. [...] Em seguida, existe o problema do estilo. [...] Finalmente, um fator que serve de guia ao tradutor é a finalidade do texto” (p. 65). (*Heloísa Gonçalves Barbosa*)

4. “Para mim, existem erros ‘de tradução’ e erros ‘na tradução’. Erros de tradução são aqueles que provêm de um mau entendimento do texto de partida e que produzem, na língua-cultura de chegada, um texto que não equivale ou que contradiz o texto de partida. Erros na tradução são enganos pontuais que o tradutor pode cometer (e que todos cometem), mas que não invalidam o texto” (p. 122). (*Mário Laranjeira*)

5. “Se pensarmos no assunto a partir de uma concepção de tradução entendida como transcodificação e cuja unidade seja a palavra, então erro será tudo aquilo que não estiver de acordo com a acepção dicionarizada” (p. 51). (*João Azenha Jr.*)

6. “Eu considero também [...] que a fixação exagerada em criar uma correspondência termo a termo com o original, em detrimento da clareza do texto traduzido, também pode ser um erro. Um texto que não flui é um erro” (p. 85-6). (*Erik Borten*)

Fonte: Elaborado pela autora.

Observemos agora com algum detalhe tais afirmações. As duas primeiras opiniões dividem uma mesma ideia: a de que existe o chamado “erro mesmo”, aquele indiscutível, gritante, óbvio, que chega a deturpar o texto se comparado ao original. O que a opinião de Britto acrescenta é que, ao lado desse tipo de erro, gerado pelos mais diversos fatores, há também o erro relativizado, aquele que, na verdade, nada mais é do que uma opinião diferente. Nesse caso, o verdadeiro erro parece residir no tradutor ingênuo, incapaz de não ver como erro todas as alternativas escolhidas por outro tradutor com as quais não concordam. Mas o que essas duas concepções permitem questionar é: 1. se, de um

lado, existe um erro indiscutível, e, de outro, um relativo, ambos estão aptos a serem considerados pertencentes à categoria de erro?; 2. se há erros que nada mais são do que uma perspectiva e uma opção diferente para um mesmo segmento a ser traduzido, qual o lugar da subjetividade na tradução se a essas singularidades continuamos a dar o nome de erro?

Um segundo ponto que gostaria de ressaltar da asserção de Britto diz respeito aos critérios para avaliação do que é um erro. Segundo ele, no erro que é meramente uma opção diferente em detrimento de outra, “não há *critério objetivo* que realmente garanta que uma [forma] é certa e outra é errada” (grifo nosso). Ora, se analisarmos essa resposta, um aspecto parece ficar claro: há um critério objetivo que pode ser usado para determinar o que é erro em tradução. O interessante é que o que evidenciamos na prática é que os limites que circunscrevem que aquilo constitui um erro não são tão nítidos assim. Basta observarmos reconhecidos teóricos da tradução, como Eugene Nida, que, em seu trabalho de cunho prescritivo, procura elaborar normas para uma boa tradução, sem refletir sobre o que o não cumprimento de tais normas implica. Em outras palavras, o erro praticamente não é definível nos estudos de tradução, a não ser por uma negatividade: é erro tudo aquilo que não é acerto, que escapa à norma do “bem traduzir”. Mesmo Juliane House (1997), teórica que se dedicou a elaborar uma metodologia rígida de avaliação da qualidade de traduções, não propõe uma definição de erro que não seja proveniente de uma negatividade: erro é aquilo que, observados os parâmetros propostos pela autora, se apresenta como uma *não* compatibilidade (*mismatch*) em qualquer um dos níveis de avaliação. Obviamente que, em realidade, mascaram a dificuldade de lidar com aquilo que é, teoricamente, falho na tradução.

No que concerne às asserções 3 e 4, vemos, mais uma vez, que o que comumente é denominado “erro” em tradução contempla, na verdade, fenômenos de natureza muito distinta. Novamente, constatamos uma clivagem na concepção de erro: de um lado, erros cometidos contra a língua do tradutor (erros gramaticais, de vocabulário etc.); de outro, erros cometidos contra a língua do original (majoritariamente, erros contra o sentido, contra o estilo). No entanto, tal proposição apresenta uma inconsistência. Observemos o exemplo a seguir, extraído de uma tradução realizada por uma aluna do curso de bacharelado em Letras, com ênfase em francês²:

- 1 As janelas não traia nenhuma intimidade, nenhuma atividade. Parecia que se estava no interior e, no entanto, estava-se em plena Paris, no décimo quarto distrito. Aquilo não era**

Figura 1 – Erro de tradução ou erro na tradução?

Esse trecho apresenta alguns erros que gostaria de comentar a partir das respostas analisadas anteriormente. Primeiramente, chama a atenção o erro de concordância da linha 1, em que lemos “traía” em vez de “traíam”. Se bem entendi a opinião de Barbosa e de Laranjeira, esse tipo de erro é o que a primeira chama de “erro contra a língua para a qual se está traduzindo” e que o segundo

2 Os recortes apresentados neste trabalho são todos provenientes de um *corpus* formado por textos originalmente escritos em francês e traduzidos para o português por alunas do curso de bacharelado em Letras, com ênfase em francês, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os textos são exibidos em formato de transcrição diplomática para melhor compreensão do material analisado, conforme sugere Grésillon (2007) em seu capítulo “Como constituir e ler um dossiê genético?”.

denomina “erro na tradução”. No entanto, cabe o questionamento: seria esse um erro *de tradução*? Ou estamos tratando de um erro de outra ordem? Se estamos lidando com um caso de erro *na* tradução (em oposição a erro *de* tradução, conforme a proposta de Laranjeira), por que o complemento “tradução” ainda é utilizado, uma vez que, claramente, estamos em face de um erro que é identificável mesmo sem o cotejo com o texto original?

Disso tudo, podemos ainda questionar: 1. os dois tipos de erro (“contra a língua de chegada” e “contra o sentido do original”) estão no mesmo patamar ou existiria certo tipo de gradação na “gravidade” dos erros?; 2. mais ainda, se os primeiros não são erros de tradução propriamente dita, que lugar eles têm na aula de tradução?

Por fim, as opiniões exibidas em 5 e 6 nos dão margem para mais algumas questões. O cotejo entre as duas exibe claramente uma concepção diferente do que vem a ser erro em tradução, uma vez que cada entrevistado parte de uma concepção diferente do que seja a unidade de tradução. Para Azenha Jr., a unidade é a palavra; para Borten, é o texto. Evidentemente não podemos esperar daí uma consideração unívoca sobre erro. O que a comparação entre as duas respostas permite questionar é justamente isso: *qual a unidade da tradução?* Tal questão me parece tocar o cerne de uma reflexão sobre erro, uma vez que é somente a partir da delimitação da unidade de tradução que se pode pensar em uma definição para erro. É a partir da delimitação da unidade que todos os outros aspectos sobre erros podem ser contemplados. Dessa forma, todas as questões levantadas anteriormente sobre as respostas 1 a 4 só fazem sentido uma vez que se delimite um ponto de vista, que se delimite uma unidade. O calcanhar de aquiles das tentativas de definição de erro em tradução parece residir justamente aí: por não delimitarem a unidade da tradução, recorrem ao equívoco de considerar tudo (ou nada) como erro, o que pouco contribui para o entendimento da problemática.

AS TEORIAS SOBRE ERROS DE TRADUÇÃO

Os poucos trabalhos dedicados à questão do erro em tradução já se encontram bem retomados e compilados por Hurtado Albir (2001), que retoma autores importantes como Delisle, House, Gouadec, Dancette e Séguinot, apenas para citar alguns. Dessa forma, deter-me-ei na apreciação de duas teorias, não abordadas pela autora catalã, que julgo apresentarem considerações importantes para meus objetivos aqui: a teoria do linguista inglês Anthony Pym e a da brasileira Maria Paula Frota.

Erros binários e não binários: a proposta de Anthony Pym

Ainda que, dentro da vastíssima obra de Anthony Pym, a questão do erro em tradução seja um objeto de estudo de expressão bem reduzida, este se figura como um dos autores mais influentes entre aqueles poucos que se propuseram a enfrentar essa difícil temática. O texto que utilizo neste estudo para sintetizar as ideias do autor se encontra na compilação intitulada *Teaching translation and interpreting*, fruto de uma série de conferências realizadas na Dinamarca, no ano 1991, por ocasião da Primeira Conferência Internacional de Linguagem. Na seção dedicada à avaliação (*assessment*), Pym (1992) discorre sobre o que

chama de “análise do erro de tradução e a interface com o ensino de língua”. Sua argumentação parte de sua própria experiência dentro da Academia como professor e pesquisador na área de Tradução.

A primeira inquietação do pesquisador é com relação à falta de pontos de referência para se falar de erro em tradução, de forma que os termos empregados por estudiosos passam a adquirir sentidos absolutamente diferentes, por vezes até mesmo antagônicos em meio à miríade de teorias sobre o tema. Apenas como exemplo: a noção de *equivalência* é frequentemente aludida pelos mais diversos teóricos (principalmente os que propõem uma abordagem linguística da tradução), mas o termo “tem sido usado e abusado tantas vezes que não é mais equivalente a nada [...]” (p. 4). O autor também se posiciona criticamente às extensas listas de categorização de erros (aqueles cometidos por falta de compreensão, impropriedades de leitura, mau gerenciamento do tempo, desconhecimento linguístico e/ou cultural etc.). É sobre esse ponto que Pym irá desenvolver um raciocínio de muita relevância para este trabalho. Diz ele:

Ainda que seja relativamente fácil produzir um sistema terminológico de três ou sete ou talvez até vinte diferentes tipos de erro em tradução e, posteriormente, achar exemplos para ilustrá-los no nível fenomenológico e presumir sua causalidade, uma questão bem diferente é classificar esses erros como eles realmente aparecem em textos traduzidos, onde elementos de diferentes tipos são perpetuamente misturados e vários casos colocam em dúvida as distinções pressupostas. Tais classificações terão sempre termos demais ou termos de menos, ao menos enquanto não houver claro entendimento do porquê os erros de tradução devem ser classificados em primeiro lugar (p. 4).

Dois aspectos chamam a atenção nesse excerto. O primeiro deles é a aversão à prática de tentar classificar erros de forma antecipada. Dizer que determinado equívoco foi causado por interferência da língua de origem na língua de chegada, por exemplo, isola um fator de todos os outros possíveis, como se os erros tivessem motivação única e delimitável. Como o próprio autor consente, na prática real de tradução, as motivações se mesclam, sendo impossível isolá-las senão por abstração teórica. E eis aí o que considero ser o segundo ponto importante da opinião do estudioso: pouco importa o número de termos que constituem uma classificação de erros em tradução, o quão exaustiva ou abrangente é essa lista se não se têm claros os motivos que fazem que erros precisem ser classificados.

Pym propõe uma classificação de erros, portanto, com uma motivação muito definida: o ensino de tradução e a correção de erros nesse contexto, dado que “a análise dos erros de tradução inevitavelmente leva à análise do ensino de tradução” (p. 5). A inspiração parece ter sido proveniente da própria prática pedagógica do autor, uma vez que a sua proposta de classificação nada mais é, segundo ele próprio, que uma descrição das formas mais elementares de erro encontradas quando se corrige uma tradução, formas essas que comandam diferentes tipos de correção que o próprio Pym praticava como professor sem se dar conta.

Sendo o erro uma instância inevitável no processo de ensino-aprendizagem, Pym coloca-o no centro da prática pedagógica, atitude a partir da qual, ele crê, a competência tradutória, conceito-chave para entender a classificação do autor, pode ser ensinada.

A competência tradutória pode ser definida, em sua forma mais sintética possível, como um conjunto constituído de duas habilidades: a primeira consiste em “gerar em um texto-alvo (TA) uma série de mais de um termo viável (TA1, TA2,... TAn) para um texto-origem (TO)” (p. 3); a segunda, em “selecionar apenas um TA a partir dessa série, de forma rápida e com confiança, e propor esse TA como substituto do TO para um propósito e leitor específicos” (p. 3). A partir disso, o erro em tradução é definido como a “manifestação de um defeito” (p. 4) em qualquer um dos fatores que integram a competência tradutória.

Esses erros são, por sua vez, subdivididos em dois grandes grupos: erros binários (também chamados de *mistakes*) são aqueles que opõem uma resposta certa a uma resposta errada. Estão, a meu ver, ligados à primeira habilidade. Portanto, o erro se configura pela deficiência do tradutor em gerar uma série de termos possíveis para o TO. Vejamos o exemplo dado pelo autor sobre um erro de tradução que ele próprio cometera:

Há não muito tempo eu traduzi “un pueblo de 5 mil habitantes” por “a city with a population of 5 million”, em vez de “a town with a population of 5,000”. A minha tradução do número foi terrivelmente errada. Nós poderíamos dizer que o erro foi “binário”, na medida em que ele envolveu uma escolha entre uma possibilidade correta e uma errada (“mil” significa “thousand” e não “million”) (apud FROTA, 2006, p. 144).

Os erros não binários (ou *errors*), por seu turno, opõem a seleção efetivamente realizada pelo tradutor (TT) a pelo menos uma outra opção possível (TT1), que também poderia ter sido selecionada. Enquanto para os erros binários só há certo ou errado, sem gradação, para os erros não binários existem pelo menos duas opções certas *versus* opções erradas.

E quais as implicações dessa divisão para o ensino? São, pelo menos, três. A primeira diz respeito à correção de tais erros. Segundo Pym, erros binários não são erros exatamente de natureza tradutória, mas linguística, e deveriam ser um pressuposto na competência tradutória. Por essa razão, “erros binários devem ser submetidos a correções rápidas e pontuais” (p. 7). Em contrapartida, “o tempo despendido na correção de erros não binários [...] deve se estender até que diferenças significantes não permaneçam” (p. 7). Além disso, uma vez que, para esse tipo de erro, não há certo ou errado, mas opções mais ou menos adequadas, a autoridade do professor em sala de aula passa a exigir relativização. Enquanto, para erros binários, o docente pode contar com ferramentas de cunho prescritivo, tais como dicionários, gramáticas etc., o mesmo não pode ser aplicado a erros não binários: “a correção de erros não binários não pode ser autoritária, mas deve, ao invés disso, ser baseada nos princípios de discussão e negociação” (p. 8).

A segunda consequência diz respeito à própria concepção de ensino de tradução. Além de poder ser descrito como a transferência de habilidade tradutória de professor para aluno, o ensino também é “a soma de atos de comunicação através dos quais erros não binários são produzidos e convertidos em seu oposto, a saber, conhecimento de tradução” (p. 5).

A terceira consequência rompe com a ideia de que erros binários, por serem linguísticos e, portanto, constituiriam um *a priori* para a competência tradutória, devam ser tratados apenas na aula de língua estrangeira, enquanto erros não binários sejam do escopo da aula de tradução. Segundo o autor, “ambos os erros devem ser corrigidos em ambas as situações, sempre que o aluno precisar e o

professor puder fazê-lo” (p. 5). A implicação última que isso tem para o ensino é o que Pym não desenvolve, mas propõe como hipótese para pesquisa futura: a hipótese do “progresso em direção ao não binarismo”, pautado pelo fato de que, “ainda que a aula de língua deva reduzir erros binários ao mesmo tempo em que a aula de tradução deva reduzir erros não binários”, o progresso geral dos alunos “pode ser medido através de uma proporção crescente de erros não binários (isto é, uma proporção decrescente de erros binários)” (p. 9).

Vimos, por meio desse breve incurso na teoria de Anthony Pym, um pouco de sua contribuição para o estudo do erro em tradução e sua relação com o ensino. Retomarei suas ideias ao final deste texto, a fim de apontar de que forma as ideias do autor influenciam aquelas a serem desenvolvidas neste trabalho. Por ora, faz-se necessário recorrer a mais uma teorização, diretamente inspirada na de Pym, mas que vai além dela: a proposta da *singularidade na escrita tradutora*.

A singularidade na escrita tradutora – a proposta de Maria Paula Frota

A tese de Maria Paula Frota (1999), intitulada *A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos de tradução, na linguística e na psicanálise*, é um dos poucos trabalhos que traz à cena tradutória a figura do tradutor como um sujeito que imprime subjetividade à sua escrita. Seu trabalho discute instâncias peculiares em que é possível observar aquilo que a autora chama de *singularidade na escrita tradutora*, caracterizado por uma espécie de *lapsos* do tradutor, ainda que esse termo não equivalha *pari passu* àquele usado em psicanálise. Para entender o raciocínio que leva a autora a discorrer sobre esse tipo de marca subjetiva, é necessário entender seu ponto de partida; ou melhor, os dois pilares sobre os quais seu trabalho é construído, a saber, a teoria de Anthony Pym sobre erros binários e não binários, e a teoria freudiana sobre os lapsos de leitura e de escrita. Começemos pelo primeiro.

Frota parte das considerações de Pym não no sentido de se contrapor às ideias do autor, como ela mesma afirma, mas de expandi-las. Segundo ela, o que falta na teoria do linguista inglês é um ponto intermediário entre o certo e o errado, ou entre aquilo que é avaliado como certo ou errado. Isso porque tal ausência faz que as variações subjetivas, presentes em cada escolha realizada pelo tradutor, sejam, em sua perspectiva, desconsideradas em um modelo como o de Pym³. Na proposta da estudiosa brasileira, a singularidade se configura pelo “seu caráter certo e errado, *nem certo nem errado*” (FROTA, 1999, p. 232). Isto é, “a singularidade articula o código [a língua, ou línguas, no caso da tradução] e o singular [as escolhas pessoais do tradutor], não sendo considerada em absoluto acordo com o primeiro, nem como sua evidente transgressão” (FROTA, 1999, p. 230). Retomemos um dos dois exemplos constantes na tese que tentam ilustrar sua hipótese.

O caso é fruto de uma tradução produzida por uma de suas alunas, Maryluci, para uma disciplina de tradução, ministrada por outro docente. Reproduzo no Quadro 2 o texto origem e a tradução, fazendo uso das mesmas marcas de itálico utilizadas por Frota (1999, p. 17) em seu trabalho:

3 Gostaria de marcar minha divergência com relação ao posicionamento de Frota, uma vez que, ao menos em minha leitura da proposta de Pym, seu modelo, como é de reconhecimento da própria autora, prevê que haja uma gradação entre certo e errado. Dessa forma, as escolhas subjetivas, por mais que não sejam aludidas ou abordadas pelo autor, podem perfeitamente se enquadrar nesse intervalo.

Quadro 2 – Exemplo de tradução de um poema

<p>[...] What is so real as the cry of a <i>child</i>? A rabbit's cry may be wilder But it has no soul. <i>Sugar can cure everything, so Kindness</i> says. <i>Sugar is a necessary fluid,</i></p> <p>Its <i>crystals</i> a little <i>poultice</i>. O kindness, kindness Sweetly <i>picking up</i> pieces! My Japanese silks, desperate butterflies, May be pinned any minute, anesthetized. [...]</p>	<p>[...] O que é mais puro que o choro de um <i>filho</i>? O choro de um coelho pode ter mais ardor Mas ele não tem alma O <i>açúcar cura</i> tudo, diz a Bondade. Açúcar, um <i>fluido necessário</i>,</p> <p>Seus <i>cristais</i>, um pequeno <i>cataplasma</i>. Ô bondade, bondade <i>Colando</i> os cacos com doçura! Minhas sedas japonesas, desesperadas borboletas Alfinetadas a qualquer minuto, aneste- siadas. [...]</p>
---	--

Fonte: Frota (1999, p. 17).

O alinhamento do original com a tradução permite observar uma particularidade: a escolha de “colando” para “*picking up*”, que poderia facilmente ter sido traduzido por “catando”. Esse “erro” foi gerador de profunda angústia para a aluna que, ao mesmo tempo em que não acreditava ter tomado uma escolha errada, não conseguia justificá-la. O grifo do professor em seu texto, marcando “colando” como um erro, simplesmente não fazia sentido. A partir disso, Frota pondera que esse “erro” pode ser visto como uma singularidade se conseguirmos enxergá-lo de outra forma. E é nesse ponto que a psicanálise, o segundo pilar de sua tese, é convocada a participar.

Para Frota, esse tipo de “erro” na tradução é comparável ao que Freud trata como *lapso*, em sua obra *A psicopatologia da vida cotidiana*, sendo entendido, nas palavras da autora, como “algo que escapa a uma cadeia interpretativa socialmente compartilhada” (FROTA, 1999, p. 17), mas que, apesar de não ser uma interpretação compartilhada, tem razão de ser à medida que se considera a relação do tradutor com o texto e com as línguas em jogo na tradução. No caso específico da tradução da aluna, Frota (1999) destaca que tal “deslize”, gerado de forma inconsciente, uma vez que a própria tradutora não conseguia explicar o porquê de sua escolha, encontra validade uma vez que o consideremos como uma manifestação do inconsciente na linguagem.

É dessa forma que a autora destaca um certo aspecto da tradução que escapa mesmo à própria consciência do tradutor e que constitui uma radical singularidade, que não se equivale ao lapso descrito por Freud, ainda que seja claramente dele tributária: enquanto o lapso é sempre visto como um erro, como uma produção de algo no lugar de outra coisa, “a singularidade não encontra unanimidade em termos de sua in-correção” (FROTA, 1999, p. 226). Isto é, quando perguntados sobre a justeza do termo “colando” como tradução para “*picking up*”, experimento efetivamente realizado pela autora, alguns tradutores se colocam a favor da escolha, enquanto outros defendem que se trata de um erro.

A importância dessa conclusão, a de que há uma singularidade na escrita tradutora, é a permissão que nos é dada para considerarmos o erro por um novo ponto de vista, pois “o erro passa a ter um novo valor, deixando de ser visto como algo a ser desprezado, [...] tornando-se importante via de expressão da verdade psíquica do sujeito, de um saber ou de um desejo inconscientes” (FROTA, 1999, p. 136).

A convocação da psicanálise nessa reflexão se justifica, portanto, por proporcionar “um saber sobre a relação sujeito-linguagem que abre uma via de ruptura com as velhas oposições do certo e do errado” (FROTA, 1999, p. 137). Essa ruptura permite à autora formular a hipótese de que, com a convocação desse outro campo do saber, “abre-se espaço a sentidos engendrados de modo singular na leitura, pelo tradutor, do texto de partida” (FROTA, 1999, p. 60). Ou seja, dito de outra forma, se bem entendo a proposta de Frota, a especificidade da singularidade reside na leitura do tradutor do texto a ser traduzido.

A meu ver, a principal contribuição de Frota com sua tese é a abertura de uma nova dimensão para a consideração do erro em tradução, apontando que há aspectos que não são controláveis pelo tradutor. Mais do que isso, a estudiosa atenta para o fato de que há elementos na tradução que são de caráter absolutamente subjetivo, ou, em última análise, que o tradutor se marca em suas produções, mesmo que essas marcas, em sua proposta, sejam observadas somente em relação àquelas instâncias em que se assemelham a lapsos.

Mesmo acreditando que as marcas de subjetividade se estendam por todo o texto traduzido, posição inevitável para um pesquisador que se insira no campo enunciativo dos estudos da linguagem, o que o estudo de Frota e este que aqui apresento têm em comum é a tentativa de responder à seguinte questão: “como conciliar a crença na universalidade dos significados e a crença na individualidade dos mesmos?” (FROTA, 1999, p. 96). Ou, dito de outra forma, como lidar com o fato de que há algo, um elo de significação que une original e tradução e que é mais ou menos constante em todas as traduções do mesmo texto de partida e, ao mesmo tempo, algo que é de uma ordem subjetiva, concernente somente ao tradutor e suas escolhas pessoais?

A coexistência do geral e do específico, da língua e do uso singular que cada sujeito faz dela está no cerne de uma discussão enunciativa sobre o estatuto do erro em tradução e configura-se como a força motriz que impulsiona as próximas páginas deste trabalho.

A NECESSIDADE DE UM ESTUDO ENUNCIATIVO DO ERRO DE TRADUÇÃO

Toda a exposição realizada até agora converge para aquilo que sintetizo no título desta seção. Como procurei argumentar nas duas últimas seções, os estudos que mais se dedicaram a abordar o fenômeno em tradução não incluíram em seu escopo a dimensão subjetiva do erro. A iniciativa de Maria Paula Frota assinala o início da consideração do sujeito tradutor como fonte de singularidade e subjetividade, ainda que tais categorias sejam abordadas, em seu trabalho, em sua relação com o inconsciente e suas manifestações na escrita tradutora. No entanto, parece ser necessário ir além dessa perspectiva. Dessa forma, este trabalho se insere, pois, no intervalo aberto pelos dois estudos antes mencionados.

Por um lado, a proposta de Pym contempla a dimensão pedagógica do erro em tradução, refletindo sobre sua importância para o contexto de sala de aula e sobre a conduta docente no tocante à correção desses erros. No entanto, sua proposta não engloba uma análise do erro em sua relação com aquele que erra. Isto é, o erro é tomado por Pym como algo genérico. O professor deve trabalhar para dirimir erros binários e não binários, sem precisar levar em consideração, aparentemente, que diferentes alunos cometem diferentes tipos de erros, sejam eles da natureza que forem. A correção do erro, dessa forma, não possui complemento; não se trata da correção do erro cometido pelo tradutor *x*, mas meramente de correção.

Por outro lado, a contribuição de Frota, restrita aos lapsos que emergem no processo tradutório – em vez de considerar o próprio texto traduzido como manifestação subjetiva – pouco dialoga com o ensino de tradução. Há, aí, um hiato entre reflexão sobre tradução e ensino dessa habilidade complexa que precisa e merece ser reduzido, aproximação que proponho seja feita por meio de uma teoria que contemple o erro no que ele tem de mais específico: ser produzido por um sujeito que coloca a língua em funcionamento.

A necessidade de tomar o erro em tradução como uma instância particular de manifestação da subjetividade na linguagem é oriunda de uma constatação simples: não se podem homogeneizar, sob o rótulo de erro, fenômenos de natureza tão heterogênea. Em outras palavras, não se trata de abordar, genericamente, o erro em tradução e sua implicação para o ensino, mas o erro como manifestação singular da subjetividade do tradutor, marcada na língua. Um simples exercício é capaz de confirmar a necessidade de abordar o erro em tradução como uma manifestação subjetiva e singular. Observemos as traduções propostas por três diferentes alunas (cf. nota 2) para o segmento a seguir:

Cette trouée calme dans la ville devait dater d'une cinquantaine d'années car il y avait des relents de modern style dans les architectures disparates de ces demeures. Qui vivait là? A voir certaines verrières, certains heurtoirs de porte, certains vestiges de garniture, on pensait que c'était des retraités des arts qui terminaient leur carrière derrière ces façades, de vieux rapins, de vieilles cantatrices, d'anciens virtuoses de la scène⁴.

Tradução 1:

Esse buraco/trouée calmo / ^{tranquilo} no ~~meio da~~ cidade devia ter uns ^{aproximadamente} cinquenta anos, pois havia ^{resquícios} ~~relentos~~ de ^{modern style} ~~estilo moderno~~ nas arquiteturas ^{as} ~~disparatas~~ dessas moradas. Quem vivia ali? Olhando ^{certas} ~~algumas~~ vidraças, ^{OK} ~~alguns~~ batentes de porta, ^{aldrabas} ~~alguns~~ vestígios de adorno, ^{ceros} ~~co-pensáveis~~ podia pensar que eram ^{-se} ~~apresentados~~ ^{artistas} ~~apresentados~~ ^{dos artes} ~~dos artes~~ que terminavam suas/carreiras/ atrás dessas fachadas, velhos ^{pintores} ~~aprendizes~~, velhas cantoras/^{divas,} ~~de ópera~~ ^{virtuosos} ~~de ópera~~ ^{projetos de} ~~de ópera~~ ^{líricas} ~~líricas~~ ^{ex antigos} ~~virtuosos~~ / ^{talentosos} ~~de cena~~ / ^{dos palcos.} ~~dos palcos.~~

4 Trecho do livro *Les mots pour le dire* de Marie Cardinale (1975). O exercício de tradução dessa passagem foi proposto pela professora da turma.

TRADUÇÃO

Tradução 2:

e buraco tran
 Esta ~~abertura~~ calma na cidade devia datar de cinquenta anos porque ~~não~~ havia ~~indícios de estilo moderno~~
~~nas arquiteturas diferentes~~ *disparatadas* *morada* *ali* *Vendo certos* *olhando certas vidraças* *certas aldrabas* *certas traços* *"modern style"*
 nas arquiteturas ~~de~~ dessas ~~casas~~. Quem vivia ~~aqui~~? ~~Para ver alguns~~ *vestígios da guarnição, pensava-*
artistas aposentados
 se que eram ~~retratos de artes~~ que terminavam sua carreira atrás dessas fachadas, ~~de~~ *de* velhos pintores ~~ruins~~,
projetos de
 de velhas ~~atrizes ruins~~ *ex* ~~de antigos~~ *e* virtuosos da ~~cena~~ *dos palcos*
cantoras líricas

Tradução 3:

buraco tranquilo *cidade* *ter aproximadamente* *resquícios de*
 Esta ~~esburacada~~ calma na ~~vila~~ *uns cinquenta anos* *vestígios modern style* devia datar de um ~~meio século~~ pois havia traços ~~modernos~~ nas
disparatadas dessas moradas *ali* *vidraça a aldraba aldrava*
 arquiteturas ~~disparates de suas casas~~. Quem morava ~~lá~~? Ao ver certos ~~vitrais~~ *certos batedores*
podia-se pensar eram artistas aposentados
 de ~~porta~~, certos vestígios de adornos, pensava-se que estava aposentada ~~das artes~~ que
dessas *líricas*
 terminavam sua carreira atrás ~~das~~ fachadas, do velho ~~aprendiz~~ *projetos* de pintor, ~~das~~ velhas cantoras,
ex *virtuosas dos palcos*
 das ~~antigas~~ *virtudes da cena*.

O simples cotejo entre essas diferentes propostas de tradução e, por sua vez, o cotejo dessas com o original em francês permitem observar que aquilo que é chamado de erro não se materializa da mesma forma para diferentes tradutores. Poder-se-ia contestar minha afirmação com base nos próprios excertos selecionados: o erro na tradução de “*anciens*” por “antigos” em vez de “ex” está presente em todas as traduções propostas. De forma bastante parecida, a opção de “*scène*” por “cena” ocorre nas três traduções. No entanto, se esses dois exemplos indicam uma direção contrária à minha hipótese, eles se marcam por uma exceção. Inúmeras são as outras instâncias em que erros cometidos por uma determinada aluna não são observáveis nos textos das demais. Apenas a título de ilustração, tomemos a tradução de “*relents*” por “relentos” (tradução 1, linha 1), a inclusão de um “não”, na tradução 2, linha 1, e a tradução de “*ville*” por “vila” (tradução 3, linha 1).

Como pode ser observado, há, minimamente, um erro específico em cada uma das traduções que não se repete nas demais, e isso se nos detivermos apenas ao nível da palavra. É provável que, considerando o nível global de significação do texto, os erros possam ser ainda mais distintivos. Sendo esse um aspecto a ser abordado em um outro estudo, por ora é suficiente apontar que o erro, ainda que eventualmente recorrente em diferentes traduções, encerra uma marca singular deixada pelo tradutor no seu texto. É a reflexão sobre essa

marca singular e seus reflexos no ensino da tradução, mais especificamente na correção da tradução, que os professores e teóricos da tradução devem procurar se dedicar a estudar e compreender. Somente a consideração do erro e sua ligação estreita com aquele que erra permite ao docente realizar uma avaliação da tradução de seus alunos que seja, efetivamente, avaliativa e formativa, ao mesmo tempo.

THE NOTION OF TRANSLATION ERROR AND ITS RELATION WITH TRANSLATOR TEACHING AND TRAINING

Abstract: Translation errors constitute an issue that is practically unavoidable for teachers who form translators. Being the error an important aspect in any teaching-learning process, I discuss in this text the dimension of the error in translation when committed by students that are learning the translation practice, that is, students from undergraduate course in Letras. I seek to highlight in what ways a reconfiguration of the notion of error in translation is directly linked to the evaluation teachers make of students' texts. The main argument developed in this text is that a translation error needs to be considered in relation to the one who commits it, as it is the only possible way for the teacher to make a productive use of what fails in translation.

Keywords: *Error. Translation. Teaching.*

REFERÊNCIAS

- ALBIR, A. H. *Traducción y traductología*. Introducción a la Traductología. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.
- BENEDETTI, C.; SOBRAL, A. *Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução*. São Paulo: Parábola, 2003.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 1989.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1995.
- CARDINALE, M. *Les mots pour le dire*. Paris: Librairie Générale Française, 1975. (Coll. Le Livre de Poche).
- FROTA, M. P. *A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na linguística e na psicanálise*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- FROTA, M. P. Erros e lapsos de tradução: um tema para o ensino. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 17, p. 141-156, 2006.
- GRÉSILLON, A. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- HOUSE, J. *Translation quality assessment: a model revisited*. Tübingen: Narr, 1997. (Tübingen Beiträge zur Linguistik; 410).

PYM, A. Translation error analysis and the interface with language teaching. In: DOLLERUP, C.; LODDEGAARD, A. (Ed.). *The teaching of translation*. Amsterdam: John Benjamins, 1992. p. 279-288. Disponível em: <http://www.tinet.cat/~apym/on-line/training/1992_error.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2010.

SÉGUINOT, C. Understanding why translators make mistakes. *TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction*, v. 2, n. 2, p. 73-81, 1989.

SÉGUINOT, C. Interpreting errors in translation. *Meta: Translators' Journal*, v. 35, n. 1, p. 68-73, 1990.

Recebido em agosto de 2012.
Aprovado em janeiro de 2014.